



REPRESENTAÇÕES NEGRAS EM *OITEIRO* DE MADALENA ANTUNES

Ananília Meire Estevão da Silva; Joel Carlos de Souza Andrade - Orientador

Centro de Ensino Superior do Seridó - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CERES/ UFRN
annyllian@hotmail.com; jocadesoan@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho analisa a recepção do romance *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003), escrito por Madalena Antunes, no cenário literário potiguar da década de 50, bem como os elementos narrativos e culturais utilizados pela escritora para representar os personagens negros presentes no romance. Metodologicamente a pesquisa desenvolveu-se com base em produções bibliográficas acerca da romancista, do negro e suas representações na literatura potiguar. Considerando os respectivos contextos históricos e sociais, o percurso traçado permite observar se o estigma de negatividade ou a invisibilidade negra, comum na literatura brasileira, são refutados ou confirmados pela autora. Por fim, é proposta uma sequência didática para leitura e discussão da obra em sala de aula.

Palavras-chave: Romance, potiguar, Madalena Antunes, sala de aula.

INTRODUÇÃO

Em 2016, são comemorados dezesseis anos de homologação da Lei Federal 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/ 1996), obrigando a inclusão da temática “História e cultura afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino, em especial nas disciplinas de História, Língua Portuguesa e Artes. A Lei 10.639/03 representa uma oportunidade para a escola reavaliar sua estrutura curricular e cultural, refletindo a diversidade étnica, política e sociocultural presente na sociedade brasileira e entre os muros das instituições escolares.

No entanto, decorrido o período de implementação da lei, é perceptível os desafios que ainda se colocam à formação de professores para o exercício de uma prática pedagógica que aborde os aspectos afro-brasileiros. Estes vão desde a escassa oferta de cursos de formação inicial e continuada que abordem a temática, a resistência da comunidade escolar ou de seus gestores à ausência de material didático e ações efetivas para a introdução de história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, pois o sistema educacional reproduz, por vezes, práticas discriminatórias e racistas.

Partindo destes pressupostos e compreendendo que a ficção baseada na História pode fornecer informações complementares ao discurso histórico, assim como a leitura é um dos valores sociais importantes para a construção sócio educacional dos indivíduos, facilitando a compreensão do universo no qual está inserido, este trabalho de pesquisa propõe a análise do romance *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003) da escritora potiguar Maria Madalena

Antunes Pereira. Pretende-se observar como ocorre a representação do negro na literatura memorialista do Rio Grande do Norte e sugerir atividades didáticas que possam abordar o gênero literário romance e a temática negra em sala de aula. Para tal, tornou-se imprescindível refletir acerca da recepção do referido romance no cenário literário potiguar da década de 50, período de seu lançamento, bem como os elementos e os recursos narrativos que são empregados para dar visibilidade e representar o negro sem reafirmar seu espaço de reclusão na literatura brasileira ou a reprodução do estigma de negatividade criado à sua volta.

Apoiada nas teorias que permeiam a História Oral, esta pesquisa se desenvolveu a partir do levantamento bibliográfico acerca do negro e sua representação na literatura brasileira objetivando perceber a frequência em que são citados, bem como a imagem ou estigma que lhe é referenciado. Dessa forma, três fatores contribuíram para a idealização deste trabalho: o primeiro deles foi a elaboração da narrativa na perspectiva memorialística, retratando a sociedade potiguar, a partir da cidade de Ceará-Mirim, no período de transição entre os últimos anos da Monarquia e a chegada da República; o segundo fator consiste na obra de Madalena Antunes ser uma literatura de escrita feminina que se destaca em um período de ausências das mulheres no campo literário; por último, através de instrumentos da oralidade a escritora atribui lugar de destaque às personagens Tonha e Patuca, concedendo visibilidade e voz aos personagens negros presentes na obra.

OITEIRO: O ENGENHO DAS MEMÓRIAS

Em 2003 foi lançada no mercado literário do Rio Grande do Norte a Coleção Letras Potiguares. A referida coleção objetivou divulgar o trabalho desenvolvido por autores cujas obras são significativas para a literatura do estado. Algumas destas produções estavam esgotadas no campo editorial há tempos e, por este motivo, ainda eram desconhecidas do público leitor.

O projeto editorial, fruto da parceria entre a A.S. Editores, o Governo do Estado e a Cosern, reuniu escritores que se destacaram nos mais diversos gêneros literários. Dentre as obras que compõem a referida coleção está o romance *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (2003) da escritora Madalena Antunes.

Em *Informação da Literatura Potiguar* (2001), Gurgel pontua que a produção literária potiguar tem sido modesta nos gêneros voltados à memorialística ou às biografias. Em seus estudos o autor destaca apenas os títulos *Memórias de um retirante* (1957) do martinense

Raimundo Nonato e *Província submersa* (1957) do macaibense Octacílio Alecrim, narrando suas migrações para Mossoró e para o Rio de Janeiro, respectivamente. Gurgel (2001, p. 113) destaca entre os poucos escritores de memórias Madalena Antunes Pereira como aquela que se tornaria a mais importante memorialista potiguar, pois esta revelava-se uma “atenta observadora do universo marcado pelo fausto da cultura canavieira, refletida no poderio de alguns senhores de Engenho, na incomparável beleza do vale, no romantismo das sinhazinhas” e seus registros literários transcendiam o biográfico.

MADALENA ANTUNES NA LITERATURA POTIGUAR

Entre os anos de 1942 e 1945, Natal recebeu um expressivo número de soldados americanos cuja finalidade era impedir o avanço do exército alemão no continente africano. Com o fim da guerra, a capital potiguar volta a se dedicar mais detidamente às atividades literárias que estiveram reduzidas neste período.

Conforme Gurgel *et al* (2003) é neste pós-guerra que a cidade presencia o (re)aparecimento de jovens escritores e poetas talentosos que, atuando na imprensa local, passam a publicar seus trabalhos em suplementos literários que circulavam como parte integrante dos jornais dominicais. Entre eles, destacam-se nomes como Antonio Pinto de Medeiros, Sanderson Negreiros, Oswaldo Lamartine, José Bezerra Gomes e Zila Mamede.

Em 1912, sob os pseudônimos de Corália Floresta, Hortênsia e Ildarisa Flores, Madalena Antunes já havia publicado textos diversos e cartas que simulavam a correspondência entre duas amigas nos jornais de circulação local como “O Ceará-Mirim”, “O sonho” e “Esperança”, editados e de circulação na cidade de Ceará-Mirim. No entanto, é neste contexto literário pós-guerra que Antunes se destaca com o romance *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (1958), obra que se tornaria a mais significativa do gênero no estado.

Até meados do século XX, o papel da mulher na sociedade estava relegado à função matriarcal e seus desejos sob o domínio masculino, ocasionando um “confinamento doméstico e a repressão da mulher” (SCHOLZ, 1996, p. 16). O olhar para a mulher como ser inferior, percebida pelo sexo masculino como desprovida de desejos e vontades, por vezes de inteligência, influenciavam e produziam muitos dos preconceitos ao papel da mulher na literatura e em outras atividades, destinadas quase exclusivamente ao homem.

De acordo com Silva (2006, p. 22), historicamente as mulheres não ousaram tanto subverter a ordem estabelecida no campo da ficção, pois



sempre estiveram submetidas a uma lógica de interpretação baseada no poderio ou domínio masculino, sem referencial e força para poder inverter, subverter ou desestabilizar a ordem em que eram interpretadas.

Assim, a literatura de autoria feminina conta ao longo da história com inúmeras ausências, por vezes atreladas aos preconceitos que permeiam sua condição social. Conforme aponta Gotlib (LINO e SILVA, 2004, p. 24) são “mulheres que nunca escreveram, que escreveram mas não mostraram ou não publicaram, que publicaram mas não foram divulgadas ou não se consagraram”. Desse modo, “a palavra da mulher na literatura, na medida em que aprofunda o autoconhecimento e o conhecimento do outro, também tem sua responsabilidade política” (CUNHA apud SILVA e RIBEIRO, 2004, p. 23).

Após a segunda metade do século XX, iremos encontrar com maior frequência valorosas obras de autoras como Adélia Prado, Lygia Fagundes Teles, Lya Luft, Hilda Hilst, Lúcia Miguel Pereira, entre outras. Entretanto, as obras de autoria feminina que estão relegadas às fronteiras regionalistas, para quem o reconhecimento em âmbito nacional é ainda distante, acabam não compondo este cânone. Nesse sentido, é no momento em que poucas mulheres participavam da vida literária brasileira que Madalena Antunes lança seu romance de memórias.

Madalena Antunes Pereira nasceu em 25 de maio de 1880, no Engenho Oiteiro, no Vale do rio Ceará-Mirim, na cidade de Ceará-Mirim/ RN e faleceu em 11 de junho de 1959, na casa onde veio residir em Natal. Era filha do coronel José Antunes de Oliveira e Joana Soares de Oliveira, importante família da região. Por não demonstrar avanço nos estudos, foi obrigada pelo pai a ser aluna interna do Colégio São José, no Recife. Em 06 de junho de 1891, aos onze anos de idade, ingressou para o referido colégio. *Oiteiro* (2003) retrata a viagem e sua estada na instituição, onde tradicionalmente estudavam as moças ricas da região. Câmara Cascudo a descreve como uma típica sinhá-moça brasileira, assim descrita: “(...) mãe e avó, criada em engenho de açúcar, com mãe preta, educada em colégio do Recife (...)” (In: ANTUNES, 2003: 19). Conviveu com intelectuais como o próprio Câmara Cascudo, Manoel Rodrigues de Melo, Veríssimo de Melo, Nilo Pereira, entre outros e deles recebeu incentivo para publicar seus manuscritos.

Com a publicação, em 1958, do seu livro *Oiteiro: Memórias de Uma Sinhá-Moça* ficou conhecida como a ‘Sinhá-Moça do Oiteiro’. Seu único escrito seria o primeiro romance memorialista do nordeste (TAVARES, 2014) e é considerada uma obra rara por serem poucas

no Brasil as escritas femininas sob a perspectiva memorialista e autobiográfica, especialmente, em um momento cuja imprensa e o poderio literário ainda atravancavam a abertura para as mulheres escritoras. No entanto, apenas ao final dos anos 90 Antunes receberia a devida atenção dos críticos e estudiosos da literatura potiguar, quando Constância Lima Duarte e Diva Cunha inserem no livro *Literatura do Rio Grande do Norte: antologia* (2001) trechos da obra conferindo-lhe destaque no cenário da literatura potiguar.

Em *Oiteiro* (2003), Madalena Antunes narra suas lembranças do início de sua vida escolar, aos 7 anos de idade, até sua saída do Colégio São José, no Recife e retorno a Ceará-Mirim, aos 16 anos. Historicamente, este recorte temporal é marcado pela riqueza açucareira nos séculos XIX e XX, abarcando o fim do período monárquico e início da República no Brasil. Através de suas reminiscências tornam-se perceptíveis as transformações no contexto histórico e social brasileiro. Suas páginas estão recheadas com as lembranças da menina Madalena, que viveu o período dos engenhos de cana-de-açúcar, com suas moendas e escravos na região do Vale do Ceará-Mirim. À medida que a personagem-narradora conta suas memórias surgem também os processos de mudança ocorridos na sociedade brasileira. Ao longo de vinte e sete capítulos, Antunes evidencia aspectos sociais, históricos e culturais no qual estava inserida.

DA “CASA GRANDE À SENZALA”: VOZES NEGRAS

Conforme Duarte (2013), a presença do negro na literatura brasileira é escassa, seja como personagem no repertório literário, seja como *voz autoral*. Ele atribui ao histórico processo de escravização os preconceitos e a redução do escravizado a mera força braçal, a sensualidade ou a disponibilidade para o sexo. O autor aponta que mesmo com a assinatura da Lei Áurea o negro alforriado permaneceu cativo do seu senhor como forma de garantir para si um meio de sobrevivência. Este é então relegado à margem social e tem suas memórias deletadas dos arquivos da história, sem representação no cenário literário brasileiro que lhe reserve alguma dignidade, pois sua imagem está sempre associada ao estereótipo de negatividade. O negro passa a inexistir enquanto ser pensante, guardião de uma memória tanto individual quanto familiar ou comunitária.

Contrapondo o que seria habitual no campo literário brasileiro na década de 50, em *Oiteiro* (2003) Antunes dá voz às escravas Tonha e Patuca, conferindo-lhes poder por meio da oralidade ao cantar canções de ninar ou ao contar histórias, retomando as formas tradicionais



de contação em que todos se sentam em volta do narrador, do Griot, pois ele é o detentor de toda a experiência narrativa e guardião da palavra.

Narrado em primeira pessoa, *Oiteiro* (2003) se caracteriza como um romance memorialista de cunho autobiográfico, pois faz uso da reminiscência para lembrar e conservar certa nostalgia, pois “no outono da vida, recordar a infância é abrir pontos de luz na estrada abandonada do passado” (ANTUNES, 2003, p. 29).

No início do romance a personagem-narradora, empregando o recurso do flashback, convida o leitor a regressar à infância, ao ano de 1887, “estávamos no Oiteiro. A folhinha pregada à parede vasta da sala de jantar marcava 25 de maio de 1887, dia do meu aniversário. Eu fazia 7 anos” (TAVARES, 2003, p. 29), data em que ganha de presente uma carta de ABC para iniciar a vida escolar. A partir daí narra suas aventuras e angústias da vida no engenho, entremeando passado e presente.

Em toda a narrativa é perceptível as diversas relações sociais vivenciadas por Antunes, incluindo-se muitos momentos com as escravas Tonha e sua mãe-preta Patica.

Como conheci a Patica? No alvorecer da minha primeira infância, guiando-me os incertos passos com entranhada dedicação.

Penteava-me os cabelos, vestia-me com esmero, zelava pelo meu asseio corporal, cuidava da higiene alimentar e foram sem contar as noites passadas em claro, quando eu, doente, embalando-me o punho da rede, sonolenta, cantarolava, maviosa:

‘Dorme, filhinha

Que eu tenho que fazer

Vou engomar, vou costurar

Camisinha pra você

Ah!... Ah!... Ah!... É... É... É...’ (ANTUNES, 2003, p. 75)

Assim como no trecho acima descrito, a oralidade está presente nas memórias de Madalena Antunes. A todo instante o leitor é surpreendido com uma cantiga, um poema. Permeando toda a obra, a oralidade também se faz presente na transcrição das falas dos personagens como podemos observar abaixo:

-Este é o retrato de Pai João. A avó da negrinha, uma velha escrava, dava-lhe um muchicão resmungando: - cala a boca, abiúda intrometida, tu gostava que dissesse que era o teu fucinho? (ANTUNES, 2003, p. 38)

Nesta fala de uma velha escrava ao reclamar com Tonha se faz presente mais uma vez a cultura ancestral das comunidades tradicionais, o respeito aos mais velhos por estes personificarem o conhecimento, a experiência, necessários à perpetuação das gerações.



Na narrativa em estudo, a personagem Patica retoma o papel dos narradores tradicionais e os momentos de contação de suas histórias são o grande evento nas noites do engenho Oiteiro.

Nas noites calmas do Oiteiro, a Patica sentava-se no chão do alpendre da nossa casa de campo, punha no colo o menor dos meus irmãozinhos, os maiores em roda, e passava a contar histórias de Trancoso, invariavelmente começadas: ‘Foi um dia...’ (ANTUNES, 2003, p. 78)

A expressão “foi um dia”, presente na voz de Patica é uma variante do “era uma vez”, referenciando a infância e as narrativas tradicionais. Os grilhões da escravidão não subjugarão a imaginação narrativa de Patica. Ela conserva o encanto e a simplicidade dos narradores orais. Encanta as crianças por meio da palavra ao contar-lhes as histórias da “Moura torta”, do “príncipe encantado”, da “Maria Borracheira”, a novela dos três cavalos “Rompe Ferro, Rompe Nuvens e Corre-mais-que-vento” e a lenda de “Manoel e Maria”. É perceptível a readaptação dos títulos dos contos “Maria Borracheira” e “Manoel e Maria”, fazendo alusão a “Gata Borracheira” e “João e Maria”, respectivamente. Pertencentes à oralidade, estas narrativas tradicionais são contos de ensinamento, pois têm a função de repassar à criança conselhos e lições.

Entre as histórias contadas por Patica, a menina Madalena considera a do “Príncipe Diniz e de Rosinha” a mais bela. O capítulo sete, “As lendas” é todo dedicado a sua transcrição, concomitante, a sua narração pela amada Patica, ganhando estas destaque na obra, a narrativa e a voz da mulher negra.

Segundo Walter Benjamin (1994, p. 214), o narrador tradicional encarna a figura do conselheiro, este é a transfiguração da experiência. Dessa forma, podemos perceber que há uma retomada dessa função narrativa como o ato de aconselhar, de salvar pela palavra na figura da mulher narradora seja ela Sherazade, salvando a própria vida noite após noite; seja a negra Patica, encantando as crianças nas noites enluradas do Oiteiro, momento que a salvava da realidade escrava e sua imaginação a tornava livre.

Os momentos de contação exercem sobre a criança Madalena tamanho poder de sedução que, mesmo estando no colégio São José, Patica permanece na memória da sinhazinha com suas histórias de Trancoso. Patica é assim descrita pela autora:

Patica foi batizada por Francisca. Minha mãe chamava-a de Chica, cabendo-me, no balbucio das primeiras palavras, crismá-la de Patica. Era alta e corpulenta, pele de ébano, descendente de africanos. Os cabelos negros e pixains, presos ao casco da cabeça, semelhavam um maço de linha de crochê



desmanchando. A fronte estreita sumia-se dentro de rosquinhas miudinhas a brilharem após o banho, quando pingos d'água ficavam presos àquela semelhantes a arame.

[...] De gênio bom e serviçal, conquistou cedo a estima e complacência dos senhores. Vindo ao mundo a primeira filha destes, destinaram-na para minha 'mãe-preta'. (ANTUNES, 2003, p. 76 - 77)

Com estas características físicas, Patuca é vista por membros da sociedade como "Feíssima! Diziam todos" (ANTUNES, 2003, p. 77). Mas os olhos da menina do engenho viam nela toda a beleza de sua etnia, sua doçura e bondade: "Linda! Dizia eu... Cheirava a murta e a manjeriço" (ANTUNES, 2003, P. 77).

À época escravocrata, o negro escravizado era visto pela sociedade como um não humano, um inerte. Essa ótica também se encontra descrita no romance quando a narradora-personagem afirma ter lido em determinada ocasião o seguinte escrito: "não vejo nada digno de admiração ou de entusiasmo na conduta desses escravos fiéis pela inércia. [...] Nessa fidelidade não vejo nada que seja realmente humano..." (ANTUNES, 2003, p. 94). Ao narrar nas linhas seguintes a forma dedicada, bondosa e amorosa com que os negros e negras escravizados dedicavam-se durante toda a vida à criação e educação dos filhos de seus senhores, Madalena foge a este estereótipo e humaniza esse negro serviu, tão humano quanto qualquer outro cuja inércia citada se dava ao fato de ser visto como coisa, não gente.

A negrinha Tonha é outra personagem da infância de Madalena Antunes que a acompanha em todos os momentos da narrativa. Tonha representa toda a ingenuidade, imaginação, inocência e travessuras que acompanham o universo infantil.

Tomava parte em nossos serões a negrinha Tonha, esparramada no chão, coçando os pés e não perdendo uma só história de Patuca.

Nos lances às vezes aterradores, de passagens de jiboias engolindo incautas crianças, [...] cutucava-me a Tonha: - Sinhá Lica, estou toda arrepiada! Mas os seus grandes olhos de jabuticaba cresciam mais e arredondavam-se, oscilando como pêndulo de relógio, de um lado a outro, quando nas novelas aparecia um "lobisomem" e Patuca, encarando-a sisuda, dizia: "Era o homem que comia barro..." (ANTUNES, 2003, p. 81)

Tonha é a menina espevitada, sincera e atrevida. Cascudo (In: ANTUNES, 2003), dado seu imaginário infantil e suas colocações inteligentes e bem humoradas a compara com outra personagem da literatura, a boneca Emília, personagem do *Sítio do Pica-pau Amarelo* de Monteiro Lobato. Uma boneca de carne com olhos de jabuticaba.

A negrinha Tonha tinha um sonho: viajar para a cidade de "Olindra", cidade que conhecia apenas pelos frutos de sua imaginação e curiosidade infantil.



Decorridos dias, falara num lugar encantador chamado “Olindra”, onde havia coisas fantásticas e fabulosas. Perguntava-lhe admirada:

- Tonha, você conhece essa cidade?

- Ora, se eu não conhecesse não falava; e mesmo a gente só fala do que conhece? Já vi perfeitamente a cidade de “Olindra”, em livros da estante do Doutô Meira. [...] Sinhá Lica não sabe daquela moda que fala numa rua de briante só pra meu bem passia? Pois aquela rua é na Olindra...

E cantarolava:

‘Si esta rua fosse minha

Eu mandava ladriá

Com pedrinha de briante

Pra meu bem passia...’ (ANTUNES, 2003, p. 82)

As fantasias de Tonha se expandiam por meio das narrações de Patuca. “Olindra” representava o lugar onde elas poderiam se tornar reais e ultrapassar os limites do engenho Oiteiro. Empenhada em realizar seu sonho, a negrinha trama sua viagem.

Chegou o dia... Com ares misteriosos, avisou-me:

- É hoje! Guarde segredo não me descubra... Trago pra você, de lá, um saquinho de briante. Tem muito pela rua.

Prometi. Jurei, até.

E emocionada, olhando-a confiante e esperançosa, na certeza de vê-la partir: Vá, Tonha, não demore muito, venha logo, sim?, e não esqueça os brilhantes. (ANTUNES, 2003, p. 83)

O trecho acima demonstra a ingenuidade infantil da negrinha e da menina Madalena que atribuía veracidade tanto as histórias contadas por Patuca quanto as nascidas do imaginário criador de Tonha. A negrinha Tonha aparentava conhecer o caminho para “Olindra” e o seu poder imaginativo a fazia acreditar que, depois do engenho, apenas ela existisse e todos os caminhos a ela levariam. No entanto, sua viagem rendeu-lhe apenas um castigo e não os saquinhos de brilhante com os quais sonhara.

Sinhá Lica, lá só se fala francês... Já me vou exercitando.

Pasma, perguntava-lhe: Tonha, e o que é francês? Respondia, estalando a língua: coisa muito fácil: - Faca é garfo; caneta é lápis; livro, pote onde a gente bebe água; vinho, água; farinha, arroz; e assim por diante. É só troca o nome das coisa. O Fabriqueiro lá da Igreja, quando está contando história do tempo antigo aos meninos, diz que na torre de Babé foi assim... De repente ficou tudo atrapalhado porque começaram com a ganância e Deus castigou, trocando os nome das coisa. Aí, saiu o inguilês, o francês e o alamão. (ANTUNES, 2003, p. 83 – 84)

No trecho transcrito acima, observa-se marcas da beleza que caracteriza a inocência e a sabedoria infantil, a idealização de Tonha quanto à cidade de Olinda e o elemento humor também presente na obra, em especial, nas narrações das suas travessuras e colocações espontâneas.



Alguns fatos históricos são abordados em *Oiteiro* (2003), entre eles está a questão política que envolvia a atmosfera escravocrata, a exemplo da promulgação da Lei Abolicionista do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871, que considerava libertos todos os filhos de escravas nascidos a partir desta data. Este aspecto da história pode ser observado quando a sinhazinha aponta a negrinha Tonha, sua companheira permanente nas peraltices, como nascida “já de ‘ventre livre” (ANTUNES, 2003, p. 38).

Desde meados do século XIX, o Brasil vinha sofrendo fortes pressões da Inglaterra para abolir a escravidão. Junto com a Lei dos Sexagenários, a Lei do Ventre Livre tinha por objetivo possibilitar a transição gradual do sistema de escravidão para o de mão-de-obra livre. Um dos pontos relevantes na obra de Madalena Antunes (2003) é a descrição dos momentos históricos que antecederam essa transição e a força do movimento abolicionista. É possível sentir nas páginas do romance a ansiedade daqueles dias, seja dos negros pela libertação dos grillhões, seja dos senhores de engenhos que perderiam sua mão-de-obra escrava. Na casa grande, “a Tonha vinha me contar: “Sinhá Lica”, os negros estão dizendo na cozinha que vai tudo se libertar. Cada qual vai pra onde quiser... A Emília disse que vai pro Pará... Minha avó Tetê já dançou na cozinha, dizendo que vai pro sertão e me carrega!” (ANTUNES, 2003, p. 95).

Nas ruas, no mercado, nas conversas, na igreja “os rumores cresciam, avolumando-se, como as águas de uma enchente. Dos recantos do país chegavam notícias assustadoras para os escravocratas” (ANTUNES, 2003, p. 96). Nas senzalas, os nomes dos abolicionistas já ressoavam ao som dos atabaques negros em festa, felizes com o horizonte que se desenhava país a fora.

Os negros mostravam-se nas senzalas vizinhas com semblantes alegres, refletindo o que confusamente ouviam pelos cafés, no mercado da cidade, nas “vendas” e espreitavam, à surdina, o interior das casas dos senhores. [...] Tonha chegava, esbaforida, da feira dos sábados, e desabafava:
- Sinhá Lica, é verdade, mesmo... Eu ouvi se dizê no mercado, que um tá de Joaquim Quimbuco é o mais danado de todo a favô dos nego. (ANTUNES, 2003, p. 96)

Tonha é livre para circular por todos os espaços, da casa grande à senzala, ouvindo as histórias, os anseios dos negros. Através dela a voz dos escravos ressoa e se faz ouvir. A chegada da abolição pelas mãos da princesa Isabel foi assim descrita por Madalena Antunes: “os senhores atônitos abriram as cancelas e por elas passaram para o campo da igualdade democrática todos os mártires da desigualdade sinistra. As senzalas esvaziaram-se por encanto” (ANTUNES, 2003, p. 99).



Diante deste evento histórico, a sinhá-moça do Oiteiro reflete acerca de temas sociais como a divisão de classes, o preconceito, o racismo, tão escravizantes quanto o trabalho braçal dos negros agora libertos. Compara-se a eles e se questiona quem seria o escravo, o verdadeiro cativo. A sinhá confronta sua posição social com a de Tonha, sua companheira de infância, e percebe que Tonha era liberta das inúmeras convenções sociais, ao contrário dela que jamais poderia vislumbrar a liberdade, permanecendo para sempre cativa.

Em meio à ebulição de sentimentos que via e vivenciava naqueles dias que cheiravam a liberdade, a sinhazinha ouve a história da escrava Zefa Mulambo que, como tantos outros, decidiram permanecer nos engenhos por não terem, por vezes para onde ir ou porque nascidos e crescidos no regime escravista não soubessem fazer outra tarefa a não ser servir, tornando-se aquela sua vida.

Zefa Mulambo era uma negra de 60 anos que na juventude havia matado o fruto de seu ventre para que seu herdeiro não viesse ao mundo como escravo e, assim, ter a mesma sorte que a sua. Esta havia sido a única forma que encontrou para salvá-lo do destino cruel que o esperava. O aborto realizado por Zefa Mulambo pode ser interpretado como uma das várias formas de resistência à escravidão, pois não trazia ao mundo mais um negro servil. Agora liberta, quando convidada a ir embora, deixar a senzala e vingar a morte de seu filho, Zefa Mulambo responde: -Não! Eu fico aqui mesmo, já me acostumei...” (ANTUNES, 2003, p. 97).

Ao descrever momentos vividos no Oiteiro de sua infância, Madalena Antunes ultrapassa a mera descrição dos fatos históricos referenciados. A narrativa se mistura aos seus sentimentos de menina diante dos acontecimentos, ressignificando suas memórias, pois elas saem do individual para abarcar a memória coletiva.

MADALENA VAI À ESCOLA: PROPOSTA DIDÁTICA

Considerando a importância da obra de Madalena Antunes para o cenário literário potiguar, bem como o fato de evidenciar os personagens negros presentes em *Oiteiro* (2003), este tópico sugere uma atividade a ser desenvolvida em sala de aula como recurso para abordar não apenas a temática negra, mas a literatura potiguar ambas distantes das salas de aula de modo geral.

No tocante a obra em estudo, muitos são os temas que podem ser abordados numa perspectiva transdisciplinar em sala de aula, considerando que cada capítulo da obra pode ser

lido separadamente sem que haja prejuízo quanto a sua

compreensão. *Oiteiro* (2003) redesenha em suas páginas um tempo aristocrático, de senhores de engenho, escravos e religiosidade fervorosa. Suas descrições detalhadas permitem recriar as condições de vida da época, a exemplo de uma viagem à Natal ou ao Recife que duravam dias, envolvendo vários meios de transportes. Deve-se atentar que o texto não deverá ser usado como pretexto à atividade, mas como instrumento auxiliar na compreensão das relações que forem estabelecidas durante as leituras. Abaixo sugerimos formas de trabalho com o texto literário de Madalena Antunes associado a outros gêneros textuais. A intenção é que esta sirva apenas de mote para as infindas possibilidades de atividades que poderão ser realizadas, pois como afirma Todorov (2009) qualquer método para o ensino da literatura é bom, desde que eles sejam apenas meios e não a finalidade principal.

Proposta de atividade

Nesta proposta de atividade sugerimos que seja abordado o tema “racismo e desmistificação da imagem negativa do negro na sociedade” com o intuito é compreender o processo histórico que define os estereótipos de beleza e pensar a estética negra como meio de afirmação identitária e cultural. Para a realização desta atividade podem estar envolvidas disciplinas como filosofia, artes, sociologia e história.

Como recurso pedagógico podem ser utilizados as letra das canções “Meu cabelo duro é assim” de Chiclete com Banana, “Nega do cabelo duro” de Luis Caldas e “Cabelo duro” de Itamar Assunção, interpretada por Zélia Duncan, os contos “Pixaim” e “Garoto de plástico”, ambos de Cristiane Sobral e o capítulo “Tonha e Patuca” de *Oiteiro* (2003).

Inicialmente pode-se dividir a turma em pequenos grupos e solicitar para que anotem os apelidos mais frequentes direcionados àqueles que apresentam penteados afro ou que possuem cabelo crespo. Em seguida, suscitar um debate com a turma sobre o porquê de tais denominações. O próximo passo será expor algumas imagens que apontem o cabelo como tema principal, observar as reações dos discentes à medida que estas lhes são expostas e realizar alguns questionamentos, como “o que as ilustrações os levaram a sentir?” e analisar algumas propagandas voltadas aos cabelos dos negros. Outro ponto é ouvir e debater as letras das canções “Meu Cabelo Duro é assim” e “Nega do Cabelo Duro”. Faz-se importante para o processo de desconstrução de estereótipos ler os contos de Cristiane Sobral e ler o capítulo de *Oiteiro* (2003) no qual Antunes descreve o modo como Patuca era vista como ser inferior pelos outros e como ela, em contraponto, desconstrói o estigma negativo, pois só via a beleza de Patuca. Por fim,

ouvir canções que entoam a diversidade cultural, como

“Cabelo duro” de Itamar Assunção, interpretada por Zélia Duncan. A avaliação dar-se-á conforme a participação dos discentes durante os debates que serão suscitados, podendo ser apresentados trabalhos orais ou escritos tomando por fundamento as aulas e os textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória, ao evocar o passado, permite a união deste com o presente. Na obra que acabamos de analisar, torna-se perceptível a ousadia de Madalena Antunes ao produzir um romance memorialista de cunho autobiográfico, registrando não somente sua vida de menina moça no Oiteiro, mas projetando os modos de ser e de viver de uma dada época a partir dos espaços onde viveu, registrando acontecimentos históricos e sociais, a exemplo do processo de mudança pelo qual passou a história brasileira – abolição da escravatura, ansiedade dos escravos nas senzalas e a decadência dos engenhos de cana-de-açúcar. Fatores históricos que podem ser uma abertura para a leitura do romance, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, em sala de aula.

É notável também a presença constante da oralidade nas cantigas, benditos, poemas e nas vozes de Tonha e Patuca enquanto contadoras de histórias, retomando os narradores tradicionais que, por meio da experiência e da imaginação repassem lições de vida aos seus ouvintes. Madalena Antunes seja de forma direta durante a contação das narrativas ou de modo indireto, ao retratar o sentimento dos negros na senzala do engenho quando da assinatura da Lei Áurea atribui voz aos personagens negros presentes no romance.

Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça (2003) oferece ao cenário literário potiguar valiosa contribuição sociocultural ao apresentar um registro histórico da sociedade potiguar, a partir da cidade de Ceará-Mirim do final do século XIX e início do século XX. As memórias nele presentes enriquecem a obra por revelar detalhes de uma memória coletiva. Daí a resignificação das lembranças da sinhazinha Madalena Antunes que, ao evocar aos momentos históricos, transcende os limites da memória individual.

Ao retomar aspectos sociais, Antunes (2003) evidencia a importância historiográfica, sociológica e etnográfica de sua obra. Neste sentido, ainda são alheios as pesquisas e o conhecimento do público leitor sobre Madalena Antunes e seu romance. Torna-se imprescindível que ambos sejam trazidos ao conhecimento de todos e um começo pode ser desenhado nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Walmyra R. de e FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. P. 63-91.
- ANTUNES, Madalena. **Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça**. 2. ed. Natal: A.S. Editores, 2003. (Coleção Letras Potigüares)
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197 - 221. (Obras Escolhidas; v. 1)
- BRASIL. MEC - **Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 20 de abril de 2016.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1978. (Coleção Documentos Brasileiros; 186)
- CUNHA, Helena Parente. Depoimento apresentado no VIII Seminário “Mulher e Literatura”, 1999, em Salvador, Bahia. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti (Orgs.). **Mulheres de Helena: trilhamentos do feminino na obra de Parente Cunha**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2004.
- DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira (Orgs.). **Literatura do Rio Grande do Norte: antologia**. 2. ed. rev. e aum., Natal/RN: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Estado da Tributação, 2001.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul/ dez. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/16787/10936>. Acesso em: 09 de maio de 2016.
- FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para professores, fazeres para os alunos**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012. (Formação Docente; 3)
- GONÇALVES, Maria Alice Rezende; PEREIRA, Vinicius Oliveira (Orgs.). **Propostas pedagógicas para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2015. (A lei 10.639/03 e a formação de educadores; v. 4).

GOTLIB, Nádía Battella. Um século de literatura feminina: o que nos diz a mulher? In: LINO, Joselita Bezerra da Silva; SILVA, Francisco Ivan da (Orgs.). **Múltipla palavra: ensaios de literatura**. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 23 - 42.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal, RN: Argos, 2001.

GURGEL, Tarcísio; VITORIANO, Vicente; GURGEL, Deífilo. **Introdução à cultura do Rio Grande do Norte: literatura, artes plásticas e folclore**. João Pessoa: Editora Grafset, 2003.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira, **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017. Acesso em: 15 de abril de 2016.

SILVA, Gericleide Gomes da. A construção autobiográfica em oiteiro – memórias de uma sinhá moça. **Cadernos do CNLF**, vol. xviii, nº 08 – História da Literatura - XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/08/020.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2016.

SOUZA, Aldinida de Medeiros. **A narradora e as contadoras de história em oiteiro**. UFRN. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/ALDINIDA%20DE%20MEDEIROS%20SOUZA.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

TAVARES, Liliane Taise. **Madalena Antunes: as memórias da educação de uma sinhá moça**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_25_05_2014_11_37_43_idinscrito_427_f5d3901e2a80afe7cc1a6adea0f50a2a.pdf. Acesso em: 22 de abril de 2016.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.